



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**THALIA MARIA DE SOUSA**

**A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM**  
**DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

CAJAZEIRAS – PB

2022

**THALIA MARIA DE SOUSA**

**A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM  
DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial ao grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Medeiros Cavalcanti

CAJAZEIRAS – PB

2022

THALIA MARIA DE SOUSA

**A PERCEÇÃO DOS PROFESSORES ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM  
DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Aprovado em: \_08\_ / \_02\_ /2023

**BANCA EXAMINADORA**

*Thiago Medeiros Cavalcanti*

\_\_\_\_\_  
Orientador – Professor Dr. Thiago Medeiros Cavalcanti – UAE/CFP/UFCG

*Nozângela M.ª Rolim Dantas*

\_\_\_\_\_  
Examinador 1 – Professora Dra. Nozângela Maria Rolim Dantas – UAE/CFP/UFCG

*Rozilene Lopes de Sousa Alves*

\_\_\_\_\_  
Examinadora 2 – Professora Ma. Rozilene Lopes de Sousa Alves – UAE/CFP/UFCG

\_\_\_\_\_  
Examinadora suplente – Professora Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral – UAE/CFP/UFCG

Cajazeiras - PB  
2022

S725p Sousa, Thalia Maria de.  
A percepção dos professores acerca do ensino e aprendizagem de  
alunos com transtorno do espectro autista / Thalia Maria de Sousa. -  
Cajazeiras, 2022.  
45f.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Medeiros Cavalcanti.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - UFCG/CFP, 2022.

1. Ensino. 2. Aprendizagem. 3. Percepção dos professores. 4. Autismo.  
5. Inclusão. 6. Educação inclusiva. I. Cavalcanti, Thiago Medeiros. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de  
Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 376

## RESUMO

O transtorno do Espectro Autista (TEA) ou popularmente conhecido como autismo, vem sendo pauta nas mídias sociais e consequentemente ganhando espaço nas discussões dos espaços escolares, por ser um assunto de extrema necessidade e conhecimento das escolas. Dess e modo, o trabalho tem como objetivo analisar a percepção dos professores acerca do ensino e aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista. Sabe-se que a partir da Constituição Federal de 1988, as pessoas com autismo tiveram seus direitos reconhecidos por lei para o ingresso no âmbito educacional, garantindo o seu direito de ter um ensino voltado para o seu desenvolvimento social, quanto acadêmico. Para a análise do trabalho foi feito uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, que teve como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada, que foi realizada com 10 professores da rede pública e privada de ensino. Essas entrevistas tiveram como principal objetivo comparar, verificar e identificar quais as principais dificuldades que os professores encontram quando se deparam com crianças com autismo em sala de aula. Com o intuito de se aprofundar sobre o autismo e suas principais dificuldades, a pesquisa foi baseada em três principais autores: Kanner (1943), Vygotsky (1978, 1994, 2014); Silva, Gaiato e Reveles (2012) e entre outros que serão citados ao longo do trabalho. Por fim, ao analisar as entrevistas percebe-se o quanto as escolas precisam melhorar no quesito inclusão, não basta apenas ter um documento que ateste este aluno incluso na rede de ensino, é preciso paciência, conhecimento e busca por uma educação mais justa e igualitária, assegurando o desenvolvimento e a aprendizagem desse aluno.

**Palavras-chave:** Ensino e aprendizagem; Percepção dos professores; Autismo; Inclusão.

## ABSTRACT

The Autistic Spectrum Disorder (ASD) or popularly known as autism, has been on the agenda in social media and consequently gaining space in discussions in school spaces, as it is a subject of extreme need and knowledge of schools. Thus, the work aims to analyze the perception of teachers about the teaching and learning of students with Autistic Spectrum Disorder. It is known that from the Federal Constitution of 1988, people with autism had their rights recognized by law to enter the educational field, guaranteeing their right to have an education aimed at their social and academic development. For the analysis of the work, a qualitative field research was carried out, which had as a data collection instrument, a semi-structured interview, which was carried out with 10 teachers from public and private schools. These interviews had the main objective of comparing, verifying and identifying the main difficulties that teachers encounter when they are faced with children with autism in the classroom. In order to delve deeper into autism and its main difficulties, the research was based on three main authors: Kanner (1943), Vygotsky (1978, 1994, 2014); Silva, Gaiato and Reveles (2012) and among others that will be cited throughout the work. Therefore, when analyzing the interviews, it is clear how much schools need to improve in terms of inclusion, it is not enough to just have a document that certifies that this student is included in the education network, it takes patience, knowledge and the search for a fairer and more egalitarian education, ensuring the development and learning of that student.

**Key words:** Teaching and learning; Teachers' perception; Autism; Inclusion.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>7</b>
<b>3 OBJETIVO.....</b>	<b>8</b>
<b>3.1 Objetivo geral.....</b>	<b>8</b>
<b>3.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>8</b>
<b>4 CONCEITUANDO O AUTISMO .....</b>	<b>9</b>
<b>4.1 IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA.....</b>	<b>11</b>
<b>4.2 APRENDIZAGEM DO ESPECTRO AUTISTA NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY .....</b>	<b>13</b>
<b>4.3 A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES ACERCA DA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO .....</b>	<b>15</b>
<b>5 MÉTODO.....</b>	<b>19</b>
<b>5.1 Delineamento.....</b>	<b>19</b>
<b>5.2 Participantes.....</b>	<b>19</b>
<b>5.3 Instrumentos.....</b>	<b>19</b>
<b>5.4 Procedimentos .....</b>	<b>20</b>
<b>5.5 Análise de dados .....</b>	<b>20</b>
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>22</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>27</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>30</b>
<b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>31</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>33</b>
<b>APÊNDICE C – ENTREVISTA DOS PROFESSORES DA REDE PRIVADA DE ENSINO .....</b>	<b>34</b>
<b>APÊNDICE D – ENTREVISTA DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO .....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou autismo, como popularmente é conhecido, é considerado um transtorno mental do desenvolvimento que tem como principais características linguagem, interação social, dificuldades de comunicação e comportamental. É um transtorno que se revela nos primeiros anos de vida, em que de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2011) acomete mais de 70 milhões de pessoas no mundo.

Desse modo, a pesquisa será designada para o lado educacional no qual será pesquisado e analisado qual é a percepção dos professores acerca do ensino e aprendizagem de crianças com transtorno do espectro autista. Sabe-se que o autismo compromete principalmente a área social da criança, em alguns casos “um quadro de recolhimento profundo ou reclusão interna, que não lhe permite conviver com o mundo exterior” (BRAGA; ROSSI, 2016, p. 2). Dessa forma, os professores sentem muitas dificuldades em avaliar esses alunos, uma vez que a singularidade é a sua maior característica.

Conforme a Constituição de 1988, a educação passou ser um direito de pessoas com autismo e dever do Estado brasileiro. Com o intuito de incluir pessoas com transtornos ou qualquer tipo de deficiência física ou mental no campo educacional as escolas foram obrigadas a receber qualquer aluno nestas condições. Assim, com a chegada desses estudantes, os professores tiveram inúmeras dificuldades para desenvolver o seu trabalho, uma vez que eles não estavam acostumados a receber alunos com autismo em sala de aula.

À medida que a escola, juntamente com os professores, iam recebendo as crianças com autismo, houve-se a necessidade de promover a inclusão desses alunos em sala de aula. Desta forma, a pesquisa vai analisar como estes professores estão preparados para atuarem com alunos com autismo no ensino básico e infantil e quais as principais dificuldades enfrentadas pelo os mesmos.

Sabe-se o quão grande é a necessidade de conhecimentos sobre o tema autismo, principalmente no meio educacional, apesar de ser um tema atualmente bastante discutido, muitas pessoas ainda não têm noção do que se trata. Por este modo, a pesquisa vai conceituar o que é o autismo, quais os seus impactos no processo de ensino e aprendizagem e qual é a percepção dos professores. Para tanto, o trabalho trata-se de uma pesquisa de campo social, em qual o material utilizado para coleta e análise de dados é a entrevista.

Ao prosseguir, a metodologia adotada na pesquisa foi uma pesquisa de campo na qual o instrumento de coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, respondida por 10 docentes que estão exercendo o magistério, a entrevista possibilitou analisar qual a percepção



dos professores sobre o autismo e qual os seus conhecimentos prévios sobre o assunto. Assim, conforme os dados, é perceptível o quanto os professores necessitam de apoio para trabalhar com crianças com autismo, uma vez que, a partir da Constituição de 1988, a educação passou a ser direito de todos, e com isso as escolas que antes não estavam acostumadas a receber esse tipo de público, tiveram que se adaptar para que haja o desenvolvimento social, como interação, socialização, para o desenvolvimento de atividades acadêmicas, que promovam o seu desenvolvimento social e intelectual.

Portanto, o objetivo da pesquisa é analisar qual a percepção dos professores acerca do ensino e aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista no ensino básico infantil, e observar de que maneira ocorre o processo de ensino e aprendizagem dessas crianças com autismo, visto que, para que ocorra esse processo é necessário um trabalho em conjunto de professores, profissionais e familiar, que é essencial nesse início no âmbito educacional. Desse modo, a pesquisa irá verificar como as escolas estão organizadas para receber estes alunos e quais as principais dificuldades enfrentadas pelos professores quando se deparam com esses alunos em sala de aula. Ademais, será feito a comparação das escolas das redes pública de ensino e privada, contudo será avaliado se essas escolas têm alguma diferença no quesito inclusão de alunos com TEA.

## 2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho partiu da inquietação em analisar como os professores estão trabalhando para promover a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças com diagnóstico de transtorno do espectro autista. Sabe-se que trabalhar com crianças com autismo requer muito conhecimento e persistência, devido ao histórico de exclusão socioeducativa que essa população passou na história do país. Desse modo, a partir da observação acerca do estágio supervisionado na educação infantil, fica evidente que os professores sentem muita dificuldade em trabalhar com crianças com autismo. Ao partir desta ideia, esta pesquisa irá contribuir de maneira essencial sobre a temática do autismo em sala de aula, no qual professores e coordenadores irão ter uma noção sobre o tema autismo.

Na medida que o autismo passou a ser um tema bastante abordado no âmbito educacional, tantos os professores quanto a escola sentiram a necessidade de se aprofundar e conhecer o tema, apesar do autismo ser bastante complexo e não ter uma receita pronta para um determinado caso, visto que cada indivíduo com autismo tem as suas peculiaridades. Saber o básico para se trabalhar com estas crianças quando chegam na escola passou a ser uma questão fundamental para o relacionamento professor-aluno e ensino-aprendizagem.

De acordo com Braga e Rossi (2016), cada pessoa com autismo tem a sua singularidade que acometem o seu processo de desenvolvimento, afirmando assim, que dependendo do nível, o seu processo de ensino e aprendizagem fica mais acometido. Dessa forma, a escola, juntamente com o corpo pedagógico, poderia desenvolver e fornecer recursos pedagógicos educacionais, que proporcionasse o desenvolvimento e a autonomia dessas pessoas com o TEA.

Portanto, este trabalho consistirá em analisar qual é a percepção dos professores quando eles se deparam com alunos com transtorno do espectro autista em sala de aula, e como eles estão preparados para agir com esses alunos. A partir desses pressupostos, a pesquisa irá evidenciar como os professores estão trabalhando e qual a maneira mais eficiente no seu processo de desenvolvimento.

### **3 OBJETIVO**

#### **3.1 Objetivo geral**

Analisar a percepção dos professores acerca da aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista do ensino básico infantil.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- a) Identificar quais as principais dificuldades enfrentadas pelos professores acerca da aprendizagem dos alunos;
- b) Verificar o suporte que a escola oferece para treinamento e formação continuada dos professores;
- c) Comparar a percepção dos professores da rede pública e privada de ensino.

## 4 CONCEITUANDO O AUTISMO

Quando se fala em autismo muitas pessoas têm a ideia de ser uma doença. Desse modo, esta pesquisa vai analisar e verificar qual a verdadeira definição do autismo e as suas principais características.

Apesar de ser um tema pouco abordado socialmente, o autismo está presente no nosso meio social mais do que imaginamos e é dessa forma que vamos entender e compreender um pouco sobre esse transtorno. Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 5) afirmam que “devemos considerar que as primeiras descrições mais fidedignas do autismo surgiram na década de 40, portanto, trata-se de um diagnóstico recente”, torna-se ressentido, pelo fato de que essas pessoas não eram consideradas dignas de ter direito a educação.

Desse modo, Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 5) informam que “o problema já existia antes disso, mas, em se tratando de ciência, é um tempo bastante curto”. Dessa maneira, o autismo não é um transtorno recente e passou a ser reconhecido pela ciência há pouco tempo, as pessoas que antes sofriam com este transtorno eram confundidas com esquizofrenia ou tidas como doidas e excluídas da sociedade como se não tivessem nenhum valor ou importância para alguém.

De acordo com o que os estudos foram surgindo, as tecnologias foram avançando muitos estudiosos, médicos, psicólogos e entre outros foram tendo interesse em saber de onde e como é a causa do autismo. Muitos teóricos afirmam a causa ser de fatores externos, outros afirmam ser uma má gestação e outros acreditam ser uma mutação genética. O que se sabe é que o autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, que precisa de uma atenção tanto dos pais, quanto de professores e que necessitam de um acompanhamento psicológico.

De acordo com Kanner (1943, apud PIECZARKA, 2017, p.16):

o autismo se caracterizava por um isolamento extremo, obsessividade, estereotípias e ecolalia. Essas características eram encontradas ainda no início da vida, pois essas crianças não respondiam aos estímulos externos, pareciam alheias ao que acontecia, mas, ao mesmo tempo, mantinham uma relação ‘inteligente’ com objetos.

Com o passar dos anos e aprofundamento de pesquisas, Kanner observou um grupo de 11 pessoas, para se chegar a um diagnóstico de autismo, que até então as pessoas não sabiam ou não tinham um conhecimento sobre determinadas características.

Atualmente, de acordo com Sanches e Taveira (2020, p. 36):

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define autismo infantil como uma síndrome presente desde o nascimento, que se manifesta invariavelmente antes dos 30 meses de idade. Caracteriza-se por respostas anormais a estímulos auditivos ou visuais, e por problemas graves quanto à compreensão da linguagem falada. A fala custa a aparecer e, quando isto acontece, nota-se ecolalia, uso inadequado dos pronomes, estrutura

gramatical imatura, inabilidade de usar termos abstratos. Há também, em geral, uma incapacidade na utilização social, tanto da linguagem verbal quanto corpórea.

Dessa forma, a Organização Mundial da Saúde (OMS) define o autismo como uma síndrome que pode se desenvolver por volta dos 3 anos de idade, chamado de Espectro autista justamente por ser um distúrbio que se manifesta de diferentes graus de intensidade. De acordo com Bandeira (2021), o termo “graus de autismo”, ainda é muito utilizado por familiares e profissionais, o termo designado para referir-se às especificidades do autismo, mas o correto é afirmar que as pessoas no espectro autista apresentam diferentes níveis de suporte de acordo com critérios do DSM-5.

Bandeira (2021), baseado no DSM-5 apresenta os níveis e a gravidade de acordo as necessidades de suporte de cada um deles, o diagnóstico é dividido em 3. Esses níveis são essenciais para saber como atender as necessidades desses indivíduos, que é o nível 1 no qual necessita de pouco apoio, no qual não impede a criança de estudar, trabalhar e de relacionar, mas mantendo sempre um acompanhamento por responsáveis e psicólogos.

O nível 2 é classificado como necessidade moderada de apoio, às crianças apresentam problemas na comunicação verbal, é quando o indivíduo necessita de uma assistência e um auxílio para realizar ações do próprio cotidiano, como movimentos repetitivos e dificuldade de mudança. Nesse nível, é indispensável um acompanhamento profissional, pois a criança começa a ter atrasos consideráveis no seu desenvolvimento.

Por fim, o nível 3 é onde os indivíduos têm muita necessidade de apoio, no qual agrava a sua dificuldade de socialização e compromete as suas habilidades sociais. Nesse nível é indispensável um acompanhamento especializado e de apoio para a realização de atividades escolares ou até mesmo atividades do cotidiano.

#### 4.1 IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM TEA

O autismo é considerado um problema psiquiátrico que costuma ser identificado na infância por volta de 1 a 3 anos de idade, quando os sinais começam a ficar mais visíveis. O principal fator que o autismo apresenta é a falta de comunicação e aprendizagem.

Uma das dificuldades encontradas por crianças com autismo e que são percebidas facilmente pelos adultos ou pessoas que têm um conhecimento sobre o assunto é a falta de socialização. Visto que a partir de um olhar minucioso é possível observar outros indícios como o interesse por um determinado assunto específico, comportamentos repetitivos, sensibilidade alta ou baixa para alguns tipos de som, não reage a certas emoções e tem facilidades no apego.

Diante dessas características, podemos citar por exemplo: se uma criança autista chegar em uma sala de aula e sentar em um determinado lugar, ela não senta mais em outro, caso contrário ela pode chorar ou até ficar bravo com a situação. Neste caso, o educador deve ficar atento e observar os sinais (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012).

Desse modo a escola tem o dever de favorecer uma educação inclusiva e igualitária para as crianças com autismo, no qual visa o desenvolvimento de habilidades sociais, para que esta criança não se sinta excluída. De acordo com Chiote (2011, p.56):

A brincadeira se constitui como atividade fundamental no desenvolvimento infantil por possibilitar que, enquanto brinca, a criança, sozinha ou em interação com outras crianças/pessoas, resolva problemas, elabore hipóteses num pensar sobre si e sua atuação no meio, favorecendo a elevação dos modos de pensamento, o desenvolvimento do autocontrole, comportando-se além do que é habitual para sua idade, criando uma zona de desenvolvimento proximal.

Ao partir dessa ideia pode-se dizer o quanto as atividades lúdicas são essenciais para o desenvolvimento de crianças com autismo, pois é através de estímulos e comandos que são as “regras das brincadeiras” que impõe limites e possibilita para a criança um desenvolvimento no seu inconsciente que se externa nas suas ações. Diante aos estímulos advindos das brincadeiras, é significativo ressaltar que a mesma não só auxilia no processo de desenvolvimento com autismo, como em toda a fase de desenvolvimento infantil.

De acordo com Tardif (2014 citado por MAZETTO, 2015, p. 20), o autismo convoca de modo inescapável a noção de variabilidade, tanto inter quanto intra-individual”. Essas noções de variabilidade, provoca nas crianças sinais que são identificados por pais ou professores facilmente, como por exemplo sinais ou gestos repetitivos, verbalização descontextualizada, como repetição de uma fala de um filme ou desenho que eles gostam.

Isto acontece devido a estas crianças apresentarem modificações no sistema sensorial, que é como o seu organismo recebe estímulos do meio, fazendo com que ocorra prazeres em

algumas sensações, que normalmente em pessoas comuns não geraria nenhuma sensação. Portanto, as pessoas com autismo emitem comportamentos automaticamente repetitivos em determinados comandos por eles reforçados.

Segundo Pieczarka (2017), Piaget ressalta que o aspecto afetivo não se desvincula do cognitivo, pelo motivo de não existir um mecanismo cognoscitivo sem elementos afetivos. Partindo dessa concepção, a afetividade por si só não modifica as estruturas cognitivas.

Conforme Piaget:

[...] a afetividade pode ser causa de comportamentos, se intervém sem cessar no funcionamento da inteligência, bem como pode ser causa de acelerações ou atrasos no desenvolvimento intelectual, ela mesma não gera estruturas cognitivas nem modifica o funcionamento das estruturas as quais intervém. (PIAGET, 2004 apud PIECZARKA, 2017, p. 61).

Ao pensar por este modo é perceptível percebermos o quanto a afetividade implica diretamente no desenvolvimento da criança, seja ela com algum tipo de transtorno ou não. A afetividade vai muito mais do que um carinho, ela vai desde um olhar mais singular e um cuidado.

Para tanto, crianças com autismo necessitam de uma atenção maior, até pelo fato que são crianças que gostam de ficar mais isoladas. Nesses casos os pais precisam compreender o seu espaço, mas ao mesmo tempo não podem deixar essas crianças sem um olhar crítico e observador. Por este motivo, é indispensável o conhecimento sobre o assunto, pois só a partir de observações pode-se chegar ao diagnóstico.

De acordo com Piaget (2004, p. 34, apud COCHHANN; ROCHA, 2015, p. 528), “nunca há ação puramente intelectual, assim como também não há atos que sejam puramente afetivo”. Nesta perspectiva, Piaget afirma que não há afetividade sem cognição, pelo fato de que o homem precisa ser motivado para agir sobre o meio.

A partir dessas observações, vale ressaltar que todo e qualquer indivíduo tem capacidades cognitivas de se desenvolver, principalmente as crianças com autismo. Além disso, é interessante destacar que, é a partir dos estímulos familiar, pedagógico e profissional que a criança passa a ter um melhor desenvolvimento cognitivo e intelectual. Desse modo, Pessoa (2000) defende a afetividade descrita por Piaget, com uma afetividade que advém de estímulos, pois a mesma proporciona diversas possibilidades de ação sobre o meio. Assim sendo, é cabível identificar meios que promovam a aprendizagem das crianças com o TEA, visto que, são crianças que necessitam de um afeto e uma atenção maior.

## 4.2 APRENDIZAGEM DO ESPECTRO AUTISTA NA PERSPECTIVA DE VYGOTSKY

De acordo com os estudos de Vygotsky e Luria (1994 apud HARDER; GRACHEKI; PIECZARKA 2020, p. 266), a interação social é fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento. É a partir desses processos que a gente se determina como homens e construímos o pensamento, a linguagem e se desenvolve a partir de funções mentais superiores.

Para Vygotsky (2014 apud VECCHIA; VESTENA, 2020, p. 85), “a aprendizagem “[...] é um processo puramente exterior, paralelo, de certa forma ao processo de desenvolvimento da criança”. E em seus estudos e experimentos sempre afirmou sobre a linguagem ser um meio de comunicação que está diretamente ligado à cultura, permitindo a interação social.

Vygotsky tem uma frase que diz bastante sobre essa interação social “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”. Assim, é a partir dessa troca de experiências que vamos nos construindo, por isso a importância da família, amigos e professores para o desenvolvimento de aprendizagem dessas crianças.

De acordo com Silva, Gaiato e Reveles (2012, p. 9-10)

A principal área prejudicada, e a mais evidente, é a da habilidade social. A dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo percebam corretamente algumas situações no ambiente em que vivem. A segunda área comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. A terceira é a das inadequações comportamentais.

Por este modo, quando se fala em autismo sempre imaginamos pessoas antissociais, incomunicáveis, são pessoas que têm realmente essas dificuldades, mas que a partir de tratamentos e de interações com o meio, estas crianças são capazes de interpretar sinais, ter comportamentos controlados e serem capazes de se adaptar em sociedade. Para Vygotsky (1978 apud FINO, 2001), o conhecimento é organizado de três modos: “Já sabe”, que são conhecimentos que as pessoas podem saber ou fazer sozinhas, como se locomover, pensar e entre outros, são saberes dentro do seu desenvolvimento real. O “Pode aprender”, que são aquelas crianças que podem aprender com estímulos e ajuda de mediadores, são saberes que se encontram dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). E por último tem o “Não pode”, que são aprendizagens que estão fora do campo de aprendizagem naquele momento, mas podem tornar possíveis de serem apreendida à medida que ocorre a ampliação da ZDP (ZANELLA, 1994).

Com o objetivo de entender melhor a mente dessas pessoas com transtorno do espectro autista, Vygotsky fez estudos com crianças acerca do seu desenvolvimento:



[...] uma nova zona entre os processos de aprendizagem e desenvolvimento, a zona de desenvolvimento proximal. É o lugar em que a aprendizagem desperta vários processos internos de desenvolvimento, que se manifestam quando da interação da criança com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. No processo de cooperação, a aprendizagem que ocorre como um ato inter-psicológico, entre as duas pessoas, transforma-se em intra-psicológico, em uma aprendizagem interna ao sujeito. (VYGOTSKY apud BRAGA; ROSSI, s/a, p. 6).

A Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky se fundamenta no princípio em que as pessoas que têm mais conhecimento são capazes de estimular e ensinar as que não sabem, por isso o fato dele defender tanto a interação da criança com o meio.

Dessa maneira, a ZDP de Vygotsky comparada com a afetividade e o cognitivo defendido por Piaget, estão muito associadas em relação ao progresso da criança, visto que, a partir de estímulos que são propiciados para o processo de desenvolvimento do cognitivo dessa criança, isto é, quanto mais o professor for capaz de criar ambientes de aprendizagem, conseqüentemente essa criança terá mais possibilidades de interação com o meio. A concepção do pensamento da zona de desenvolvimento proximal criada por Vygotsky, traz esse conceito para o campo educacional, pelo fato de que o professor é o ideal para promover o desenvolvimento e aprendizagem de crianças com autismo. Pois, é através de estímulos entre o conhecimento real e conhecimento em potencial, que é aquele que pode ser adquirido.

### **4.3 A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES ACERCA DA INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM AUTISMO**

Ao ler a Constituição Federal de 1988, capítulo III, seção I do artigo 205 nos deparamos com a seguinte informação: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

De acordo com a Constituição Federal brasileira (1988), pode-se afirmar que a educação é um direito de todos assegurado por lei, pois é dever do estado construir escolas e qualificar professores para o desempenho do ensino. Ao partir dessas informações, é evidente afirmarmos que a escola tem total incentivo e preparo para o pleno desenvolvimento do cidadão, seja ele pessoal ou social.

Dessa forma, os alunos com autismo ou qualquer outro tipo de condição neuropsicológica específica e deficiências, seja ela física ou mental, são assegurados pela Lei nº 12.764/2012 (Lei de Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista) e pela Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência). Estas leis têm por finalidade proporcionar direitos e igualdades, para que estas crianças usufruam de uma educação que tenha como principal objetivo ampliar o desenvolvimento escolar e social.

Quando nos deparamos com a realidade, com o “chão da escola”, percebemos o quanto esta inclusão dos alunos com autismo deixa a desejar, não é por questões de “preconceito” e sim, dos professores não saberem trabalhar com esses estudantes, principalmente pela falta de conhecimento, de uma formação continuada. Apesar de ser um assunto muito atual, é perceptível a falta de metodologias para uma boa didática em sala de aula.

De acordo com Araújo (2015, p. 21): “É importante destacar que a criança com autismo está na escola não apenas para socializar, mas, também, para aprender conteúdos acadêmicos. Assim sendo, acreditamos que um dos fatores que contribui para a inclusão seria a alfabetização”. Neste momento é inevitável anular a responsabilidade do professor nesse processo de ensino e aprendizagem, mas vale ressaltar que o professor não é o único responsável. A gestão escolar e o Estado têm a obrigação de proporcionar cursos de formação continuada para os professores aprimorem o seu conhecimento visto que é imprescindível a necessidade de haver práticas pedagógicas e de um olhar com singularidade do professor e de todo o corpo escolar para que venha atender todas as especificidades dos alunos com autismo.

Atualmente, os professores ainda sentem dificuldades no quesito a novos desafios, um caso recente que aconteceu foi a pandemia de Covid-19 pois muitos professores ficaram sem saber como conduziam as aulas remotas, uma vez que estamos vivendo em um mundo onde a tecnologia vem se atualizando cada vez mais. Desse modo, muitos docentes se encontraram em situações de extrema dificuldade devido às crianças com autismo manterem o foco em frente a um aparelho eletrônico. Concenço *et al.* (2022, p. 32) afirmam que “não é o indivíduo autista que deve se adaptar ao ambiente, mas o ambiente que deve ser adaptado para que o aluno receba a educação inclusiva”. Ou seja, uma educação que é garantida por lei.

No entanto, é inegável que as crianças com autismo foram bastante prejudicadas no período de lockdowns, uma vez que, “as práticas inclusivas para alunos com TEA são importantes no dia a dia da sala de aula, tendo em vista a prioridade na aprendizagem, comunicação e interação dos alunos para além da presença física” (CONCENÇO *et al.*, 2022, p. 32). Desse modo, a aprendizagem não teve um rendimento considerável, sendo que a partir de estímulos e interação com o ambiente que impactam o processo de desenvolvimento.

Na medida em que o contato com o meio foi caracterizado pelo ensino remoto, essas crianças tiveram um atraso, visto que envolvê-las em atividades psicomotoras na educação infantil favorece o controle emocional e a consciência corporal da criança. Com base nessas concepções, é notório que a criança com autismo necessita de interagir com o meio, pois é a partir de experiências vivenciadas que o seu cérebro vai se adaptando (CONCENÇO *et al.*, 2022).

Embora o processo de inclusão seja bastante comentado no âmbito educacional, “[...] não podemos esquecer que é no cotidiano escolar que ocorre a efetiva inclusão escolar, do que depende não somente a matrícula, mas a permanência dos alunos na escola [...]” (CONCENÇO *et al.*, 2022, p. 35). Dessa forma, a escola tem que oferecer um ambiente diversificado, para que esses alunos consigam se adaptar de acordo com as suas necessidades.

Segundo Pimentel e Fernandes (2014, p. 172) “o sistema escolar brasileiro busca encontrar soluções que respondam ao acesso e à permanência dos alunos com deficiência nas escolas regulares”. Apesar de os alunos com transtorno ou diferentes deficiências terem o direito ao ensino regular de ensino, é nítido o crescimento de matrículas dessas crianças na escola, só que o déficit de vagas é muito grande e consiste em um desafio para os sistemas de ensino.

Desse modo, “os professores, com a prática, aprendem a lidar com o aluno com deficiência, porém, não contam com o conhecimento teórico que apoie essa prática” (PIMENTEL; FERNANDES, 2014, p. 172). Por isso que não adianta só dar o direito de estar

matriculado em um ensino regular, tem que haver ações que sensibilizem tanto o corpo escolar como a comunidade, uma vez que a escola é reflexo da comunidade.

Diante dessas situações, para se ter uma inclusão eficiente é indispensável o trabalho do professor como mediador do conhecimento e acessível ao currículo, para que a escola possa exercer o seu papel de proporcionar um espaço propício para a aprendizagem. Sendo assim, um ambiente adequado que propicie o desenvolvimento de atividades psicomotoras que favorecem controle corporal e emocional da criança.

Ademais, na concepção dos professores “[...] a inclusão deveria ser realizada em turmas menores, pois, dessa forma, seria possível dedicar mais atenção aos alunos” (PIMENTEL; FERNANDES, 2014, p. 173). Uma das principais dificuldades é o despreparo causado pela falta de formação profissional, já que o docente com conhecimento e estudos na área tem facilidades para lidar com as crianças com autismo.

As políticas públicas, que baseiam o ensino inclusivo no país necessitam de capacitação e assistência contínua para a orientação do trabalho docente, garantindo assim, uma dim inuição significativa sobre a exclusão escolar. Além do mais, a falta de espaço, recursos e materiais. Uma vez que com a prática os professores aprendem a lidar com esses alunos, entretanto, encontram muita dificuldade em apoio de suporte teórico.

Dessa forma, “os professores não vêm sendo formados adequadamente para lidar com as rápidas e constantes mudanças com as quais se deparam todos os dias em sala de aula” (PEREIRA, 2018, p. 34). Destarte, os professores necessitam sempre de buscar conhecimentos e recursos que venham facilitar o seu intermédio no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

De acordo com Fernandes e Silva (2016, p. 10) “A educação inclusiva deve superar qualquer forma de discriminação e atender o aluno em sua necessidade, de modo a garantir-lhe acesso e permanência com qualidade na rede regular de ensino”. Assim sendo, percebe-se que não é um processo fácil, visto que levou anos para conseguir esse direito e só a partir disso que a escola passou a se organizar para receber esses alunos.

Uma das principais iniciativas da educação inclusiva foi o Atendimento Educacional Especializado(AEE), que “[...] é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (GARCIA; DAGUIEL; FRANCISCO, 2012, p. 1), cujo objetivo “é facilitar o processo de escolarização de estudantes com necessidades especiais” (BANDEIRA, 2022).

Portanto, o AEE é a principal rede de apoio para os professores, pois dar suporte para e agrega conhecimentos pedagógicos na metodologia dos docentes em sala de aula. Pois bem, essa ressalva serve para refletirmos como os professores não são preparados para lidar com situações de mudança, visto que, o autismo está cada vez mais presente nas salas de aula, devido essas crianças terem o direito de uma educação formadora de qualidade.

## **5 MÉTODO**

### **5.1 Delineamento**

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, cujo principal objetivo é analisar a percepção dos professores acerca do ensino e aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista. De acordo com Godoy (1995), a abordagem qualitativa oferece diferentes possibilidades para a realização da pesquisa, pois é um estudo que pode ser conduzido por diversos caminhos. Por se tratar de uma pesquisa que necessita da ida ao campo, que objetiva a observação e a decodificação dos componentes que se adequam a partir do objeto de estudo.

A presente pesquisa tem como instrumento a entrevista, que teve como objetivo identificar qual a percepção dos professores quando se deparam com alunos em sala de aula. Desse modo, a entrevista na abordagem qualitativa não apresenta uma proposta rígida, pelo contrário, permite a imaginação e a criatividade (GODOY, 1995).

### **5.2 Participantes**

Participaram da entrevista 10 professores do ensino básico infantil com idade em média de 38,2 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. Entre eles, 5 (cinco) de escola privada do município de Aparecida, interior do estado da Paraíba. Os professores foram escolhidos pelo critério de estarem exercendo o pleno magistério, e dessa forma a pesquisa buscou compreender qual a percepção desses docentes sobre o autismo, e como estão preparados para atuarem quando se deparam com alunos com autismo em sala de aula.

### **5.3 Instrumentos**

O instrumento utilizado na pesquisa foi uma entrevista semiestruturada, composta por um grupo de perguntas que aborda primeiramente à identificação dos professores e em seguida foram feitas 5 (cinco) perguntas abertas referidas sobre o que entendiam sobre autismo. As perguntas apresentadas foram de linguagem simples nas quais os professores responderam em linguagem simples e clara, de acordo com suas perspectivas.

De acordo com Zaia Brandão (2000, p. 8, apud DUARTE, 2002, p. 146) as entrevistas “reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando -o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado”

no qual será obtido o objetivo a partir das respostas concedidas pelos professores. Assim, segundo Rudio (1986, p. 114) “chama-se de instrumento de pesquisa o que é utilizado para a coleta de dados”, ou seja, a entrevista é efetivamente o que será utilizado no desenvolvimento do estudo para a obtenção das informações pertinentes à pesquisa.

A entrevista abordou aspectos relacionados à identificação do professor e questões referentes as suas noções sobre o tema autismo de acordo com o seu desenvolvimento intelectual e as formas de intervenção sobre o autismo. Desse modo, as entrevistas foram o instrumento de coleta de dados utilizado para investigar e analisar como os professores estão preparados para atuarem com alunos com autismo em sala de aula e qual a melhor maneira de trabalhar com estes de forma que aconteça o processo de ensino e aprendizagem.

#### **5.4 Procedimentos**

Inicialmente foi feito o contato com os professores via celular, no qual fiz o convite para a participação da pesquisa e agendamento. Nesse primeiro momento expliquei do que se tratava, que era uma pesquisa sobre a percepção dos professores sobre o autismo, e um breve resumo dos objetivos do trabalho.

O questionário foi composto por 5 (cinco) perguntas abertas mais questões de caracterização da amostra. No local combinado com os professores, alguns realizaram a entrevista na sua própria residência e outros no âmbito da escola. Antes de começar a entrevista foi apresentado aos professores o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, em que tinha todas as informações da pesquisa.

#### **5.5 Análise de dados**

Os dados das entrevistas foram analisados, baseando-se na análise de conteúdo. De acordo com Richardson (2012, p. 223) “análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos cada dia mais aperfeiçoados que se aplicam a discursos diversos”. Dessa forma, quando nos referimos à análise de conteúdo, estamos informando que se constitui de um conjunto de técnicas utilizados principalmente na análise de dados de uma pesquisa qualitativa.

Para a realização de uma pesquisa científica nos deparamos com diversos momentos, e uma das principais dificuldades que o pesquisador enfrenta é para fazer a análise pois precisa ser compreendida e que o único objetivo é a investigação de dar sentido a um documento ou a busca de ter uma resposta, a partir da meta da pesquisa.

No delineamento da análise de conteúdos o pesquisador necessita de um método para tratar os dados, dados estes que foram coletados a partir das respostas das entrevistas, através do contexto da investigação. De acordo com Bardin (2011), para proceder com uma análise de conteúdo, a entrevista terá que ser categorizada, de modo que seja organizada, evitando as repetições das falas.

Conforme Bardin (2011), a análise de conteúdo já era utilizada desde o princípio da humanidade, mas, somente em 1977, esse método passou a ser configurado por Bardin e é o modelo que funciona atualmente. Desse modo, as entrevistas são categorizadas com base nos resultados que o pesquisador busca encontrar.

Desta maneira, Bardin (2011) detalha a pesquisa em ordem cronológica, que são divididas em três fases: (1) a pré-análise; (2) exploração do material; (3) tratamento dos resultados. A pré-análise é a organização do material, logo após a coleta do material, iremos avaliar o que realmente faz sentido ou não, por isto que a pré-análise é indispensável pois sistematiza e objetiva a pesquisa.

A exploração do material consiste em uma fase que é dividida em etapas. Entre elas, estão a codificação em que é feito os recortes das unidades de registro e de contexto, que são agrupadas de quatro formas diferentes; o semântico, o sintático, o léxico e o expressivo (BARDIN, 1997). Todas estas formas irão fundamentar o processo de codificação da pesquisa.

A fase de tratamento dos dados baseia-se na inferência e interpretação do material da coleta, com a finalidade de torna-los significativos e válidos. Dessa forma, Bardin (2011) destaca que os resultados obtidos e as inferências obtida podem servir de análise para uma nova pesquisa, baseada em diversas teorias.



## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As análises serão feitas a partir das entrevistas que estão em anexo. A partir da análise de conteúdo, foram encontradas quatro categorias, que são elas: 1) Entendimento do TEA; 2) A função da escola; 3) Mudanças a partir dos alunos com TEA e; 4) Dificuldades enfrentadas. Estas são as categorias que irão embasar o resultado e a discussão da pesquisa.

### **Categoria 1 – Entendimento do TEA**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), o Transtorno do Espectro Autista (TEA), popularmente conhecido como autismo, é definido por um conjunto de condições que caracterizam um grau de dificuldade na comunicação verbal e não verbal, dificuldades de interação social e interesses repetitivos em determinadas atividades. Esses são os conceitos básicos que definem o transtorno.

De acordo com a professora 2, o autismo é um “distúrbio do neurodesenvolvimento” (p. 31), similarmente a professora 6, entende o autismo como um “transtorno neuropsicológico” (p. 34). Dessa forma, percebe-se que os professores têm definições similares sobre o autismo, e que a maioria tem o embasamento que se trata de um transtorno que acomete o atraso do desenvolvimento do cérebro e afeta a capacidade de relacionar-se com pessoas e ambiente (BANDEIRA, 2022).

Apesar de ser um tema bastante atual, o autismo vem desde muitos anos buscando um diagnóstico. Só a partir de 1943 Kanner observou um grupo de crianças que apresentava os sintomas, que inicialmente era conhecido como distúrbio (FACION, 2013). Conforme o professor 1, o autismo é definido como “Um transtorno mental do desenvolvimento do aluno, que compromete a fala dele, comunicação, interação com as outras crianças, comportamento dele é diferente, tudo isso é comprometido por causa desse transtorno” (p. 29).

Ademais, a professora 2 enfatiza que o “autismo não tem cura, porém tem tratamento” (p. 31). Desse modo, pode-se observar que todos os professores conseguiram definir o seu entendimento sobre o autismo, não classificaram como uma doença e sim como transtorno comportamental, que permite tratamento que auxilia para uma maior qualidade de vida. Nesse sentido, se faz relevante o quanto estamos conseguindo que o autismo seja reconhecido e respeitado por todos, principalmente no âmbito escolar.

## **Categoria 2 – A função da escola**

De acordo com a Constituição Federal de 1998, a educação é direito de todos e dever do Estado. Entretanto, apesar de alunos com autismo terem os seus direitos assegurados por lei, ainda nos deparamos que muitas escolas não tem um suporte adequado, como cita a professora 6, “Infelizmente as instituições de ensino, ainda continuam preocupadas em cumprir o currículo e acabam se esquecendo em investir na parte de humanizar as ações, oferecer condições de valorização e capacitação para os profissionais envolvidos no processo educacional” (p. 34). Após essa afirmação, é perceptível que as escolas têm um planejamento de inclusão de alunos com autismo, o que falta é investimentos e capacitações para os professores.

Conforme Pimentel e Fernandes (2014, p. 172) “para que ocorra uma inclusão eficiente é fundamental a atuação do professor e o preparo dele como mediador e o papel da escola como o espaço próprio para isso”. Desse modo, para que aconteça a inclusão desses alunos em sala de aula, é necessário o preparo do professor, pois são os mesmos que irão estar diariamente em sala de aula convivendo com estes alunos.

O professor 1 relata que:

Treinamento que ofereceram foi bastante diferente. Eu esperava um treinamento regularmente de quinze em quinze dias, mas não, chegou na reunião é que é o treinamento, aí vem as perguntas de como está o aluno autista, como ele está se desenvolvendo, não tem um treinamento regular (p. 29).

De acordo com o professor, a escola não disponibiliza treinamento, percebe-se que a escola fala sobre autismo apenas nos planejamentos quinzenais, visto que, é necessário pelo fato de ter alunos com autismo na instituição. Contudo observa-se um certo cuidado e preocupação para com esses alunos.

Por outro lado, a professora 7 afirma que:

Hoje assim, fala-se muito, mas não existe, as pessoas vão atrás porque, como o meu caso eu fui atrás, porque tive o interesse de aprender, as duas instituições que eu trabalho, nenhuma exigiu que eu tivesse que aprender, a gente está recebendo toda hora aluno com “n’s” transtornos, não só autismo, então eu me interessei, eu vi a necessidade em mim de procurar saber, entender, pra mim lidar, não só com esse meu aluno que ele é autista com diagnóstico, como também para lidar com outra criança que viesse para a minha sala [...] (p. 36).

Essa afirmação só fortalece o que foi discutido ao longo do trabalho, uma vez que toda criança com autismo tem direito à educação pública de qualidade, que disponibilize todo o suporte necessário para o seu desenvolvimento. A maioria das escolas na qual entrevistei os professores não oferecem treinamento ou algum suporte, os professores que se sentem incapazes que buscam uma ajuda ou suporte por conta própria.

Segundo Pimentel e Fernandes (2014), as instituições de ensino buscam encontrar soluções que assegurem o acesso e a permanência desses alunos na escola; porém, a família

impõe uma responsabilidade enorme para os professores, sendo que Silva, Gaiato e Reveles (2012) afirmam que os pais juntamente com a escola têm um papel fundamental na aprendizagem e na socialização da criança com autismo.

### **Categoria 3 – Mudanças a partir dos alunos com TEA**

O professor 1 da rede privada de ensino relatou que tem um aluno que vem de escola pública desde os anos iniciais e que este aluno chegou para ele e mãe chegou com a reclamação que não tinha um acompanhamento por parte da escola. O professor afirmou que:

A questão da inclusão e das outras crianças aceitarem na escola de ensino regular é muito difícil, é piadas e isso atrapalha o desenvolvimento dele, são salas com quantidade de alunos muita alta, como que um professor de escola pública vai conseguir trabalhar com todos, então, não consegue (p. 31-32).

Dessa forma, a partir das falas dos professores percebe-se que a escola privada tem um cuidado e uma preocupação a mais do que a escola pública. Apesar do ensino regular de qualidade é direito de todos, ainda nos deparamos com esses déficits no processo da inclusão e a garantia de permanência destes alunos em sala de aula.

A análise das entrevistas revelou que as escolas particulares atualmente estão mais engajadas em estudar e buscar conhecimentos sobre o autismo. A partir da fala da professora 3, que trabalha em uma instituição privada, relata o seguinte: “Trabalho em uma instituição que promove acompanhamento aos professores e a coordenação sempre nas reuniões faz mini palestras a respeito dos Transtornos do neurodesenvolvimento (autismo, TDAH, TOD...)” (p. 33). Na instituição pública, a professora 8 diz que “não tem aquela obrigatoriedade de você ir atrás, que eu acho que o certo seria esse, tem que ir atrás porque tem muita criança que está chegando com algum tipo de transtorno e você tem que estar preparada” (p. 37).

Após estas falas, fica evidenciado que as escolas públicas se preocupam mais com o currículo do que com a humanidade, conforme foi citado pela professora 6. Isto se dar pelo fato de que a escola pública dispõe de um currículo flexível, mas não possibilita formação continuada para os professores nesta área. Ao serem questionados se as escolas ofereciam um treinamento para os docentes, a professora 7 disse a seguinte afirmativa, “Sim, uma vez. Não diria um treinamento, mas uma formação direcionada para esse público específico” (p. 36). Portanto, percebe-se que a escola pública não exige uma formação ou um conhecimento específico e sim que os docentes ficam livres para adquirirem conhecimentos para o desenvolvimento de atividades que facilitem a aprendizagem de crianças com autismo.

#### **Categoria 4 – Dificuldades enfrentadas**

Sabe-se que para trabalhar com crianças com autismo não é uma tarefa fácil. Assim, o professor 1 conta que “A primeira coisa que eu fiz nas duas primeiras semanas quando comecei a trabalhar com ele, foi criar uma rotina para ele” (p. 30). A rotina é algo essencial para o convívio e disciplina das pessoas com autismo, pois é através desta que os docentes planejam as aulas e estabelecem regras e disciplinas para que o aluno consiga se adaptar ao meio.

A professora 3 quando foi perguntada se já trabalhou com alunos com autismo, falou a seguinte resposta: “Não. Como tudo em nossa vida, é preciso ter conhecimento, procurar se aperfeiçoar e ter completa certeza de que não somos conhecedores de tudo, e por isso devemos ter curiosidade e vontade de aprender” (p. 33). Após a fala da docente, percebe-se que o autismo não é tido mais como um tabu nas escolas, muitos professores e gestores estão tendo consciência do quanto o autismo está presente no nosso cotidiano e principalmente nas escolas, que é onde as famílias inicialmente buscam por apoio e atenção.

Para que haja uma inclusão eficiente nas escolas, é necessário conhecimento e sabedoria sobre o autismo. Como afirmam Pimentel e Fernandes (2014, p. 172):

Para uma inclusão eficiente, é fundamental a atuação do professor e o preparo dele como mediador e o papel da escola como o espaço propício para isso. São diversos os aspectos que necessitam ser melhorados para que a educação de alunos com DEA se torne mais efetiva. Um desses aspectos envolve uma rede específica de apoio aos professores, a presença de monitores ou professores, adaptações curriculares e medidas para facilitar a comunicação e o trabalho entre os profissionais envolvidos.

Portanto, percebe-se o quanto a escola tem um papel fundamental na sociedade, uma vez que é reflexo desta última. Porém, não é uma tarefa fácil que se consiga mudar de um dia para o outro diversas percepções quanto ao autismo. A professora 6, ao ser questionada se já trabalhou com aluno autista respondeu que “Não. Dependendo do grau da necessidade do Transtorno, não me sinto preparada o suficiente para trabalhar com crianças autistas” (p. 35). Assim, fica evidente que para que ocorra o processo de inclusão os docentes necessitam de conhecimento e de uma formação sobre o tema.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa foi observado e discutido como o autismo está incluso dentro das escolas e qual a percepção dos professores acerca do ensino e aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista. Com base nas análises das entrevistas, ficou perceptível o quanto os professores necessitam de uma formação e conhecimento sobre o autismo, “a escola precisa reconhecer esse transtorno, considerando a relevância em se trabalhar de forma concreta o processo de Inclusão nesse espaço e permitir o desenvolvimento integral desses alunos” (SANTOS; VIEIRA, 2017, p. 227).

Desse modo, o estudo apresenta contribuições para o meio educacional pois possibilitou enxergar como os professores ao nosso redor estão empenhados para trabalharem com crianças com autismo, uma vez, que na literatura o autismo é visto com um transtorno de diferentes níveis e singularidades (BANDEIRA, 2021). A partir das análises das entrevistas, observa-se que uma das principais causas de exclusão de alunos com autismo em sala de aula é a falta de conhecimento sobre o tema por parte dos professores e gestão escolar, no qual ficou bem claro nas entrevistas que nenhuma das escolas ofereciam um treinamento ou suporte adequado.

Para os professores que estavam preocupados com a aprendizagem dos alunos, os docentes procuraram saber mais sobre o assunto, enquanto que a escola não obrigou formação qualificada na área. Portanto, conclui-se que os alunos autistas possuem características únicas, em que a partir que ele tem contato com a escola, eles vão abrangendo o seu contato com o meio social, uma vez que uma das principais características é a falta de interação social. A escola é obrigada por lei a garantir a entrada e a permanência desses estudantes ao proporcionar uma educação de qualidade e igualitária respeitando as singularidades.

É evidente observar o quanto as escolas precisam conhecer e estudar sobre o autismo. A partir das análises das entrevistas, ficou perceptível o quanto a escola pública não oferece suporte tanto para o aluno, quanto para os professores, além de não possibilitar uma formação continuada para os professores, como também não se preocupam como o convívio daquele aluno no âmbito escolar, deixando a responsabilidade apenas para os professores.

Para que haja o ensino e aprendizagem de crianças com Transtorno do Espectro Autista, é necessário um trabalho em conjunto, tanto pedagógico, como profissional e familiar. Conforme as análises, percebe-se que não ocorria esse suporte, simplesmente as crianças tinham o laudo, e a partir desse momento a responsabilidade era apenas dos professores em sala de aula para o processo de desenvolvimento e a aprendizagem desses alunos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. da S. **Inclusão de criança com autismo em sala de aula regular: percepção de professores**. 2015. 49 f. Monografia (Centro de Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- BANDEIRA, G. **Graus de autismo: quais são e o que cada um significa?** Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/graus-de-autismo/>. Acesso em: 3 jan. 2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRAGA, I S.; ROSSI, T. M. de F. Desenvolvimento da criança com o espectro de autismo na abordagem histórico-cultural de Vygotsky. **Educação**, v. 1, n. 0, p. 1-25, 2016.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88\\_EC105\\_livro.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/566968/CF88_EC105_livro.pdf). Acesso em: 3 jan. 2023.
- CHIOTE, F, A, B. **A mediação pedagógica na inclusão da criança com autismo na educação infantil**. 2011. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- COCHHANN, A.; ROCHA, V. A. da S. A afetividade no processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon. **IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX) – “Educação e Linguagem: (re)significando o conhecimento”**. Inhumas, 2015.
- CONCENÇO, F. I. G. R.; BECK, V. C.; FILHO, R. C. M. F.; BERTOLUCCI, C. C.; OTAZU, E. S.; NORA, L. A avaliação da aprendizagem de estudantes com Transtorno do Espectro Autista em tempos de pandemia na percepção dos professores. **Ensino e Tecnologia em Revista**, v. 6, n. 1, p. 31-46, jan/jun. 2022.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **2 de abril: Dia Mundial de Conscientização do Autismo**. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2011/01\\_abr\\_autismo.html#:~:text=No%20mundo%2C%20segundo%20a%20ONU,para%20uma%20menina%20com%20autismo](http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2011/01_abr_autismo.html#:~:text=No%20mundo%2C%20segundo%20a%20ONU,para%20uma%20menina%20com%20autismo). Acesso em: 3 jan. 2023.
- DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 115, p. 139-154, mar. 2002.
- FACION, J. R. **Transtornos do desenvolvimento do comportamento**. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- FINO, C. N. Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista portuguesa de educação**, v. 14, n. 2, p. 273-291, 2001.
- GARCIA; A, D. DAGUIEL; F, G, N. FRANCISCO; F, P, S. **Atendimento educacional especializado (aee)**. São João do Meriti: s. n., 2012.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

HARDER, B; GRACHEK, B, R; PIECZARKA, T. A mediação de vygotsky exercida pelo professor de apoio de estudantes autistas. **Revista Cognition**, Curitiba, v. 22, p. 263-279, nov. 2020.

KOCHHANN, A.; ROCHA, V. A. da S. A afetividade no processo ensino-aprendizagem na perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon. **IV Semana de Integração: XIII Semana de Letras, XV Semana de Pedagogia e I Simpósio de Pesquisa e Extensão (SIMPEX)**, s/v, s/n, p. 524-533, jun. 2015.

MAZETTO, C, T, M. **A criança com autismo: trajetórias desenvolvimentais atípicas à luz da teoria piagetiana da equilíbrio**. 2015. 174 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo 2015.

NICOLETTI, M. A.; HONDA, F. R. Transtorno do espectro autista: uma abordagem sobre as políticas públicas e o acesso à sociedade. **Infarma – ciências farmacêuticas**, v. 33, n. 2, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.14450/2318-9312.v33.e2.a2021.pp117-130>. Disponível em: <https://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=2814>. Acesso em: 10 jan. 2023.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Autism spectrum disorders**. Organização Mundial da Saúde. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrumdisorders>. Acesso em: 3 jan. 2023.

PEREIRA, J. A. T. **A percepção dos professores da educação infantil para o uso das tecnologias na aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista**. 2018. 60 f. Monografia (Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PESSOA, V. S. A afetividade sob ótica psicanalítica e piagetiana. **Ciências humanas**, v. 8, n. 1, p. 97-107, 2000.

PIECZARKA, T. **O desenvolvimento do transtorno do espectro autista: considerações a partir de Piaget**. Curitiba: s. n., 2017.

PIMENTEL, A. G. L.; FERNANDES, F. D. M. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Audiol Commun**, p. 171-178, mar. 2014.

BANDEIRA, G. **Graus de autismo: quais são e o que cada um significa?** Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/graus-de-autismo/>. Acesso em: 3 jan. 2023.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANCHES, T. T. B.; TAVEIRA, L. DA S. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 18, p. 34-42, 2020.

SANTOS, R. K. dos; VIEIRA, A. M. E. C. da S. Transtorno do espectro do autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional. *Includere*, v. 3, n. 11, p. 219-232, 2017.

SILVA, A.; GAIATO, M.; REVELES, L. **Mundo singular**: Entenda o Autismo. Fontanar, 2012.

VECCHIA, C. C. S. D.; VESTENA, C, L, B. Aprendizagem escolar de crianças com autismo e as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores. **Teoria e Prática da Educação**, v. 23, n. 2, p. 81-98, dez. 2020.

ZANELLA, A. V. **Zona de desenvolvimento proximal: análise teórica de um conceito em algumas situações variadas**. 1994. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.



## APÊNDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo A percepção dos professores acerca do ensino e aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista, coordenado pelo professor (a) Thiago Medeiros Cavalcanti e vinculado a Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Unidade Acadêmica de Educação.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo analisar a percepção dos professores acerca da aprendizagem de alunos com transtorno do espectro autista do ensino básico infantil, comparar a percepção dos professores da rede pública e privada de ensino, identificar quais as principais dificuldades enfrentadas pelos professores acerca da aprendizagem dos alunos, e verificar as práticas utilizadas pelos professores que facilitam o seu trabalho com alunos com autismo e se faz necessário por conseguirmos identificar e analisar quais as principais dificuldades que os professores do ensino básico enfrentam quando se deparam em relação a alunos com autismo em sala de aula.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: Uma entrevista semiestruturada de 15 a 20 minutos de duração, totalizando um total de 5 perguntas abertas, que será realizado presencialmente e gravada, caso autorize, garantindo segurança para o pesquisador e o entrevistado. Os riscos envolvidos com sua participação são: invasão de privacidade, tomar muito tempo ao responder a entrevista. Os benefícios da pesquisa serão: beneficiar os alunos e professores em relação de como trabalhar com crianças com autismo, essa entrevista irá abrir muita reflexão e questionamentos a partir das práticas pedagógicas.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Thiago Medeiros Cavalcanti

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande

**Endereço Profissional:** Cajazeiras-PB

**E-mail:** cavalcantitm@gmail.com

**DADOS DO CFP**

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

**E-mail:** [cepcfpufcgcz@gmail.com](mailto:cepcfpufcgcz@gmail.com) **Tel:** (83) 3532-2075.

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

**LOCAL E DATA**

---

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### I – Perguntas sociodemográficas

Nome:

Idade:

Quanto tempo atuando como docente?

Em escola pública e/ou privada?

Qual a disciplina que lecionada?

Qual cidade de trabalho?

### II – Perguntas

1 – Você sabe o que é autismo? Pode explicar com suas palavras o que entende?

2 – Você já teve algum aluno ou aluna com diagnóstico de autismo?

**Se responder sim:** Mudou algo nas suas aulas para auxiliar o aluno? O que?

**Se responder não:** Caso venha a ter um aluno com autismo você sente que está preparado para trabalhar com esse público? O que mudaria em suas aulas?

3 - As instituições que você já trabalhou ofereceu treinamento para o trabalho docente com pessoas que vivem com autismo?

4 – Você acredita que pessoas com autismo devem estar matriculadas na rede regular de ensino?

5 – As escolas atualmente estão preparadas para oferecer suporte para o trabalho docente com pessoas que vivem com autismo?

## APÊNDICE C – ENTREVISTA DOS PROFESSORES DA REDE PRIVADA DE ENSINO

Entrevistado 1: Gravado

21 anos

1 ano atuando como docente, somente em escola privada

Disciplina que leciona é educação infantil, 4º ano

Aparecida-PB

1- Um transtorno mental do desenvolvimento do aluno, que compromete a fala dele, comunicação, interação com as outras crianças, comportamento dele é diferente, tudo isso é comprometido por causa desse transtorno. Ele tem dificuldade de tá organizando falas, ele não consegue organizar completamente, brincadeiras lúdicas que para outras crianças são fáceis, ele não segue regras para brincar, ele brinca da forma que é melhor para ele, da forma que ele entende, ou seja, isso tudo é como se fosse uma perda ou regressão na questão de organizar falas, ele não consegue, começa a falar uma coisa, para, daqui a um minuto termina a frase, os alunos autista tem essa característica de não conseguir completar uma frase e a questão de eles prestarem atenção em bastante coisa que não tem nada a ver com o contexto, você tá em sala aula explicando um assunto ou dando uma regra a ele ou uma forma de responder uma atividade, se passar uma borboleta, um carro ou uma criança correndo, a atenção dele sai de você e ela fica querendo só brincar com aquela criança, e aí fica uma dificuldade enorme dela voltar para a aula, de você conseguir a atenção dele.

2- Tenho, um diagnosticado e o grau dele é moderado.

Óbvio. Tive que mudar, a primeira coisa que comecei a mudar com ele, como nunca tinha trabalhado com aluno autista, era meu primeiro ano em escola também, quando recebi a notícia que ia ter, o bom da escola privada é isso, eles já entregam um roteiro sobre os alunos, diagnóstico e tudo mais. Eu recebi a notícia que ia receber na minha sala um aluno autista e acredito que não tem como me preparar antes, não existe isso, só vou começar a me preparar a partir do momento que eu conheço o aluno, conheço as características dele, as dificuldades e a partir daí começo a me desenvolver. A primeira coisa que eu fiz nas duas primeiras semanas quando comecei a trabalhar com ele, foi criar uma rotina para ele, uma rotina que fosse estável para ele, quando eu mudava alguma coisa, horário das aulas, tipo assim, hoje tem aula de matemática, português e artes, eu mudava, não vou dar artes, vou dar matemática porque estou precisando entregar meu conteúdo, ele sentia desconfortável, mal, ele ficava perguntando o por

que não ia dar artes que ele tinha colocado o livro de artes na bolsa, que queria artes. Entendo que ele tem que seguir uma rotina, aí comecei a cobrar ele, que quando chegar em casa, olhar seu horário, colocar seus livros que vamos ter essa rotina, aí surgiu o interesse dele, começou a trazer os livros corretamente, tudo certinho, caderno e todo seu material, eu sentia que ele se sentia mais seguro, porque ele chega na sala de aula já sabendo que vai ter aula de português, matemática, sabe o horário das aulas e isso foi a primeira coisa que eu mudei. E segundo, foram as minhas aulas, comecei a trabalhar mais as coisas visualmente do que oralmente com ele, porque a partir do momento que passava aulas e aulas, passava horas oralmente eu via que ele não prestava atenção, isso são coisas das crianças autista mesmo, ele não consegue focar, se eu trabalhar só oralmente, ele não vai aprender nada, então comecei a trazer imagens, brinquedos, tudo que ele pudesse tocar ou então pudesse pelo menos olhar para minha cara, prestar atenção, nossa o professor tá com a imagem ali, nossa olha a foto de um carro ali, nem que seja num exemplo de matemática ou inglês, eu tinha que trazer uma imagem para chamar a atenção dele para o quadro, seja rodando lápis, garrafa, desenhando, ele não presta atenção se for só oralmente, ele olha de um jeito que você jura que tá entendendo, mas quando pergunta ele fica calado, então tem que trazer muitos exemplos para ele, mas visual do que oralmente.

QUESTIONEI SE ELE TRABALHA COM ELE UMA METODOLOGIA DIFERENTE DOS DEMAIS OU INCLUI ELE NAS ATIVIDADES DOS DEMAIS? Resposta: Eu incluo, porque não concordo com esse negócio de trabalhar atividades diferentes. Porque a partir do momento que começo trabalhar atividades com ele de uma forma e com os outros alunos de outra, c adê a inclusão dele em sala de aula? Não vai ter. Eu gosto de trabalhar o mesmo conteúdo, as mesmas coisas com ele, só que com adaptações, porque é necessário.

3- Treinamento que ofereceram foi bastante diferente. Eu esperava um treinamento regularmente de quinze em quinze dias, mas não, chegou na reunião é que é o treinamento, aí vem as perguntas de como está o aluno autista, como ele está se desenvolvendo, não tem um treinamento regular. Então, não acho que seja só escola privada, acho que todas são assim.

4- Devem se for a vontade deles, mas acredito que em uma rede regular de ensino ele vai ter mais dificuldades de aprender do que em uma rede privada. O QUESTIONEI SE ELE ESTARIA AFIRMANDO QUE UM ALUNO COM AUTISMO TEM MAIS SUPORTE NA REDE PRIVADA DO QUE NA REDE PÚBLICA DE ENSINO? Resposta: Teoricamente e literalmente sim. Vou citar o caso do meu aluno, ele vem de escola pública, passou primeira série, segunda série, terceira série, até chegar aqui, a mãe dele reclamou demais que lá ele não tinha acompanhamento. A questão da inclusão e das outras crianças aceitarem na escola de ensino regular é muito difícil, é piadas e isso atrapalha o desenvolvimento dele, são salas com

quantidade de alunos muita alta, como que um professor de escola pública vai conseguir trabalhar com todos, então, não consegue. Na privada o professor dar mais atenção, as salas têm menos alunos, e a aceitação aqui na escola é grande, todos brincam com ele, ele se sente mais confortável, seguro, todos gostam dele, a mãe dele relatou pra mim que na escola pública não tinha nada disso.

5- Hoje em dia não tem nenhuma, pelo menos das que eu tenho conhecimento que tenha um treinamento adequados para os professores, não. Falta muito nas escolas é material didático, jogos prontos, algumas atividades para trabalhar com esses alunos autistas. A responsabilidade é tudo por conta do professor, o mesmo já tem vários alunos em sala aula, mas ele que tem que adaptar, falta treinamento em todas seja ela privada ou rede regular de ensino público.

Entrevistado 2:

31 anos

6 anos atuando como docente, em escola pública e privada

Disciplina que leciona é Educação Infantil

Aparecida-PB

1- Sim. Transtorno do Espectro Autista TEA, é um distúrbio do neurodesenvolvimento, não tem cura, mas tem tratamento.

2- Sim. As aulas precisam ser adaptadas para que atenda às necessidades do aluno, precisei adaptar as atividades e buscar conhecimento.

3- Na rede particular sempre temos orientações da coordenação.

4- Sim. A escola tem que ter uma rede de apoio para dar suporte necessário, a escola, família e profissionais trabalhem juntos.

5- Em minha experiência em escola pública, não tive nenhum aluno com necessidades especiais, enquanto na privada temos o apoio da coordenação.

Entrevistado 3:

28 anos

8 anos atuando como docente, somente em escola privada

Disciplina que leciona é Fundamental I e II, Língua Portuguesa

Aparecida-PB

1- TEA- Transtorno do Espectro Autista, é um transtorno no desenvolvimento do cérebro que afeta no convívio social e pode ser desde o nascimento ou na infância. O TEA ainda é um

grande tabu na nossa sociedade, tanto por pessoas leigas no assunto, quanto pelas próprias famílias (não todas) o que gera um grande desconforto para todos. O TEA pode ocorrer de grau mais leve ao mais severo e é preciso um diagnóstico precoce e atuante para que o quanto antes o tratamento tenha início, acompanhamento especializado, tanto para o autista quanto para a família que precisará de todo apoio e compreensão.

2- Não. Como tudo em nossa vida, é preciso ter conhecimento, procurar se aperfeiçoar e ter completa certeza de que não somos conhecedores de tudo, e por isso devemos ter curiosidade e vontade de aprender. E para trabalhar com o TEA é preciso ser esse profissional que se dispõe a aprender, ouvir, entender e conviver com o novo, saber quando pedir ajuda, auxílio e principalmente, se especializar e se adequar a todos os ambientes. Isso, de fato, enriquecia minhas aulas e me fazia enxergar a vida com olhos mais vividos.

3- A nossa coordenadora é formada na área de neuropsicopedagogia e sempre estamos em constante conversa sobre os mais diversos temas, em especial sobre o TEA, pois temos alunos em nossa escola já diagnosticado.

4- Sim, acredito. É preciso entender que todos temos o direito de conviver em sociedade, nos relacionar com o outro. É necessário que as escolas estejam preparadas para essa inserção, formando professores buscando profissionais qualificados; abraçar as famílias e as nossas crianças.

5- Já avançamos muito na área da educação, as escolas estão se estruturando, mas é fato que ainda temos muito a percorrer, é preciso pessoas qualificadas, treinamentos e governantes comprometidos com alunos e profissionais.

Entrevistado 4:

49 anos

24 anos atuando como docente, somente em escola privada

Disciplina que leciona é Educação Infantil

Aparecida-PB

1- O TEA, é um transtorno do neurodesenvolvimento com manifestações comportamentais, dificuldades na comunicação e interação social, comportamentos repetitivos e estereotipados.

2- Não somente um aluno, mas vários já passaram por mim. Mudou completamente a minha metodologia. Pois tive primeiramente que me aperfeiçoar: fiz pós-graduação em neuropsicopedagogia e psicopedagogia clínica e institucional para melhor compreender o TEA e assim poder auxiliar meus alunos portadores do Transtorno. Fiz vários cursos de autismo,



inclusive ABA (Análise de Comportamento Aplicada). As atividades dos meus alunos com TEA são todas adaptadas.

3- Trabalho em uma instituição que promove acompanhamento aos professores e a coordenação sempre nas reuniões faz mini palestras a respeito dos Transtornos do neurodesenvolvimento (autismo, TDAH, TOD...).

4- Com certeza. Inclusive, com experiência própria, pois as crianças típicas da sala auxiliam bastante as atípicas, sem falar que “lugar de criança é em todo lugar”. E essas crianças conseguem sim frequentar uma escola regular.

5- Infelizmente não! Ainda é preciso muito para se chegar a isso. Os professores ainda continuam despreparados e muitos deles nem se interessam em buscar conhecimento a respeito, as políticas públicas precisam ser implantadas e efetivadas de fato.

Entrevistado 5:

48 anos

27 anos atuando como docente, somente em escola privada

Disciplina que leciona é 1 ano do Ensino Fundamental 1, matemática e ciências no Fundamental 2

Aparecida-PB

1- Transtorno neurológico que afeta várias áreas da vida do indivíduo, como: fala, aprendizagem, comportamento, visão, etc.

2- Sim. Tenho um diagnosticado como autista. Como ele tem um apego muito grande pela escola, por mim, as aulas são normais. Durante o momento das aulas, eu faço atividades voltadas para ele, todos os colegas se apagam a ele se ajudam, a sala ficou mais amorosa. A escola tem dado suporte, passando todo conhecimento para os professores, porém só a escola sem intervenção de profissionais habilitados, é extremamente difícil o desenvolvimento da aprendizagem.

3- Na nossa escola a proprietária tem vasto conhecimento na área e dá suporte passando conhecimento e experiência para os professores.

4- Se a família der suporte e tiver acompanhamento com profissionais habilitados, a inclusão do aluno se dar de maneira bem natural.

5- De uma forma generalizada, ainda falta muito preparo, conhecimento e adequação para lidar com autistas.

## **APÊNDICE D – ENTREVISTA DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE ENSINO**

Entrevistado 6:

50 anos

23 anos atuando como docente, somente em escola pública

Disciplina que leciona é Educação Infantil e Fundamental I

Aparecida- PB e São Domingos-PB

1- Autismo é caracterizado por ser um transtorno neuropsicológico que afeta principalmente a mudança de comportamento, são alterações que influenciam principalmente no desenvolvimento cognitivo e na forma de interagir no meio social. De acordo com o grau do autismo, a criança varia da capacidade de desenvolver suas habilidades.

2- Não. Dependendo do grau da necessidade do Transtorno, não me sinto preparada o suficiente para trabalhar com crianças autistas. A forma de planejar teria que ser diferenciada, com uma visão voltada para atender a necessidade de um aluno que necessitaria ser enxergado como indivíduo capaz de desenvolver suas capacidades cognitivas semelhantes aos demais tidos como “normais”.

3- Infelizmente as instituições de ensino, ainda continuam preocupadas em cumprir o currículo e acabam se esquecendo em investir na parte de humanizar as ações, oferecer condições de valorização e capacitação para os profissionais envolvidos no processo educacional.

4- Acredito que todas as pessoas merecem ser tratadas igualmente e portanto, necessitam gozar dos mesmos direitos, portanto uma pessoa não deve ser discriminada do convívio de outras pessoas simplesmente pela condição de um Transtorno, principalmente no meio educacional.

5- A maioria das instituições de ensino não oferecem condições sequer físicas, espaço, adequação no ambiente para receber crianças com necessidades especiais, tornando-se desse modo, um lugar de exclusão, tirando o direito adquirido por lei.

Entrevistado 7:

40 anos

15 anos atuando como docente, somente em escola pública

Disciplina que leciona é Língua Portuguesa, Matemática e Ciências

São Francisco

1- Autismo é um transtorno do desenvolvimento, uma condição que afeta a comunicação, comportamento e a interação com o mundo e as outras pessoas.

2- Sim. Mudou e muda completamente, uma vez que precisa adaptar-se a sua realidade, tais como as atividades, o preparo do ambiente, o restante da turma, para que ele se sinta bem e acolhido.

3- Sim, uma vez. Não diria treinamento, mas uma formação direcionada para esse público específico.

4- Sim, apesar que acho ser um grande desafio, levando em conta as complexidades de uma sala de aula.

5- Não.

Entrevistado 8: Gravada

45 anos

20 anos atuando como docente, somente em escola pública

Disciplina que leciona é Educação Infantil

Aparecida-PB e Sousa-PB

1- Sei, autismo é um distúrbio do neurodesenvolvimento, onde a pessoa afetada tem algumas perdas, ela pode ter influência na fala, perdas na fala, interação social, pode também ter comportamentos estereotipados, pode ter predileção por alguma atividade que ela venha a fazer, preferir alguma coisa, como animais, comida, ela pode ter predileção por determinadas coisas.

2- Sim, estou tendo um agora, os outros não tinham diagnóstico fechado, mas já tive um aluno que apresentava alguns comportamentos diferentes, mas não tinha diagnóstico, o diagnóstico dele não estava fechado, só que agora estou tendo um, que tem o diagnóstico fechado, mas é do autismo leve. Muito pouco, pelo fato de ser um aluno autista de grau 1 leve, então ele pelo fato dos pais terem descoberto precocemente, ele foi muito bem acompanhado, não foi preciso mudar muita coisa na rotina da sala de aula para que ele aluno pudesse acompanhar, ele compreende as coisas muito bem, ele desenvolve as atividades da forma que os outros alunos desenvolve, então, não precisou fazer nenhum tipo de alteração na minha rotina de sala de aula por conta dele. Mas se ele fosse um aluno do grau 2 ou 3, ele teria que ter um acompanhamento, porque não poderia ficar só em sala de aula, teria que ter uma pessoa, um cuidador para fazer uma atividade diferenciada para ele, então eu não poderia aplicar quando estivesse aplicando para os demais e ele? Então, ele teria que ter um acompanhante para a sala de aula, eu teria que ter a ajuda da sala de AEE, um professor qualificado para me orientar com relação às atividades que eu fosse desenvolver com ele.

3- Hoje assim, fala-se muito, mas não existe, as pessoas vão atrás porque, como o meu caso eu fui atrás, porque tive o interesse de aprender, as duas instituições que eu trabalho, nenhuma

exigiu que eu tivesse que aprender, a gente está recebendo toda hora aluno com “n’s” transtornos, não só autismo, então eu me interessei, eu vi a necessidade em mim de procurar saber, entender, pra mim lidar, não só com esse meu aluno que ele é autista com diagnóstico, como também para lidar com outra criança que viesse para a minha sala com outro tipo de transtorno, porque eu não ia saber lidar com ele, então o interesse foi meu, não foi a instituição que eu trabalho que disse: olhe vá atrás, eles deixam muito solto, se a pessoa quiser que vá atrás, não tem aquela obrigatoriedade de você ir atrás, que eu acho que o certo seria esse, tem que ir atrás porque tem muita criança que está chegando com algum tipo de transtorno e você tem que estar preparada.

4- Eu acho que sim, a inclusão está aí, é um direito deles de estar na sala de aula regular, então só falar em inclusão é uma coisa, agora acessibilidade que é outra, não basta só incluir, por isso que eu acho que deveria ser obrigatório todo professor compreender esse universo, não só do autismo, mas como todos, porque quando chegar um cliente desse pra nós, a gente ia saber lidar com ele, não basta apenas incluir, botar lá dentro da sala de aula, você tem que ter acessibilidade, tem que deixar o ensino acessível à aquela criança, para que ele possa compreender, para que ele possa acompanhar os demais, eu tive sorte por conta que o meu é leve, mas se ele fosse um grau 3, não eram as mesmas atividades que eu ia oferecer a ele, ele ia ter que ter uma atividade diferenciada para ele pudesse caminhar junto com os outros.

5- Está muito a desejar ainda, fala-se muito em inclusão, mais o que falo é isso, tem que deixar acessível, não é só incluir, tem que deixar acessível e a forma de deixar acessível é isso, preparar o corpo docente para que quando uma criança dessa chegar até a escola tem que saber o que oferecer, não ficar alheio, deixar a criança na sala por estar porque tem que incluir e não oferecer nada. Para que possa deixar esse ensino acessível a ele, então acho que a escola nesse ponto deveria estar mais preparada, exigir, oferecer mais suporte, mas está aí a internet para quem quiser, mas se uma coisa não é obrigatória, só vou atrás se eu quiser.

Entrevistado 9:

33 anos

12 anos atuando como docente, somente em escola pública

Disciplina lecionada é o Maternal I - Infantil

Aparecida-PB

1- Sim. As pessoas/crianças diagnosticadas com autismo são caracterizadas por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação.

2- Sim. Trabalhei auxiliando no ano de 2021, a professora do pré I. Não houve mudanças em relação à turma porque nesse período as aulas eram on-line. Em relação ao educando autista, eu trabalhava mais detalhado com ele.

3- Não

4- Sim. As pessoas com autismo devem conviver e se socializar normalmente com a sociedade.

5- Não. As escolas deveriam ter cursos de formação para professores como também suporte técnico-psicológico de outros profissionais.

Entrevistado 10:

37 anos

11 anos atuando como docente, somente em escola pública

Disciplina que leciona é o Maternal

Aparecida-PB

1- Sim. É um transtorno no desenvolvimento do cérebro que afeta o desenvolvimento psicomotor, intelectual e o relacionamento da pessoa com o meio.

2- Não tinha diagnóstico, mas tinha várias características, posteriormente ele foi diagnosticado.

3- Não

4- Não

5- Não